

Aparência do Rio

RUBEM BRAGA

— "E" a primeira vez que este cidadão vem ao Rio de Janeiro".

O "cidadão" era um menino de 9 anos de idade que se sentia emocionado ao saltar da barca da Cantareira. Esse menino ainda recorda confusamente as árvores da Praça 15 e um almôço na Casa Heim; e grandes e altas luzes em movimento, e palácios cheios de povo na Exposição do Centenário, o tio de bigodes satisfeito de ganhar no jogo...

Lendo agora essa "Aparência do Rio de Janeiro", de Gastão Cruis, é impossível a gente não se comover com a história e o inventário desta cidade. José Olímpio fez muito bem em encomendar esse livro a um carioca; e os dois volumes que trazem tão bons desenhos de Luis Jardim e tão boas fotografias de Sascha Harnisch, são vencidos em galopes de leitura fácil e comovente.

Essa "notícia histórica e descritiva", cujo título foi tirado de um velho e torto mapa da Guanabara, está cheia de histórias alegres ou melancólicas; e foi uma proeza de Gastão Cruis, depois de mergulhar anos em um mar de livros e documentos, nos trazer uma obra amena, em que a erudição é disfarçada por esse tom quase de camaradagem em que o autor se dirige ao leitor.

Desde as tranqueiras de Estácio de Sá na aba do Morro da Cara de Cão até o último arranha-céu de Oscar Niemeyer, vemos a cidade que avança, sobe ao Castelo, abate-o, avança pela baía e lagoas e bregos, alonga-se para o Norte e para Sul, fura os morros, lança pontes para as ilhas, estrangulada, sempre em construção e sempre errada, sempre afilta e bela.

E Gastão nos fala da flora e da fauna, das igrejas e dos ventos, dos fortes e dos restaurantes e dos

Carnavais antigos, da prostituição e do heroísmo, das revoltas e das epidemias e dos orgulhos.

As vezes, quando a gente vai para a cidade, na zona Norte ou na zona Sul, e o trânsito se engarrafa, e os carros ficam berrando de raiva e de tédio porque há sempre um conserto na rua, a vontade que se tem é mandar dizer ao prefeito que vamos embora; que ele tenha a bondade de acabar de construir essa cidade, e então voltaremos para morar decentemente. Mas os prefeitos, ainda os grandes e audaciosos, não superam a malícia e o impulso dessa topografia irrequieta. A cidade está sempre se mexendo, derrubando muros, ficando horrível aqui onde era linda, e belíssima onde era triste.

E a gente afinal se acostuma com tudo, e ao longo dos anos aprende a amar até as suas loucuras mais irracionais. O Rio não seria nosso Rio sem a casa do Elixir de Inhamé, sem aquela residência "invertida" e "futurista" da rua Sá Ferrelra, o novo mercadinho de Copacabana e as platibandas secas e lúgubres dos botequins térreos de esquina, os sobrados de azulejos, os Arcos, os bangalôs, essas ruínas negras de cimento armado podre de construções paralisadas, esse empilhamento de cubículos chamados apartamentos ao lado de terrenos baldios onde a molecada chuta bola, essas vilas de bairro, esses edifícios de dez andares se apoiando em coluninhas dóricas, o asilo de São Cornélio e os nobres sobradões avacalhados em cortiços, as favelas, as bicas, os palácios, tudo isso precário e desapropriável, tudo vagamente trêmulo e provisório, escangalhando, mesmo em poucas dezenas de anos, com tantas ternuinhas topográficas de nossa vida.

Este Rio de hoje, com o mau gosto lancinante dos butecos iluminados a "neon" e a pressa paulista do café-em-pé, e as escapadas em autos reluzentes para as praias do Sul, esse Rio heterogêneo, arbitrário, solene e cafaeste, despido e barroco, já tão cosmopolita e ainda tão furiosamente provinciano — nós o entendemos melhor acompanhando Gastão Cruis nessa viagem inteligente e comovida de quatrocentos anos e 3.500 ruas.

4.9.49

231